



BOLETIM SEMESTRAL DO MOVIMENTO MUNDIAL
DE TRABALHADORES CRISTÃOS – OUTUBRO 2025

Www.mmtc-infor.com



**Emergência climática,
vamos agir já!**

SUMÁRIO

- Emergência climática, vamos agir já!	03
- Emergência climática e proteção ambiental	04
- A Índia perante a crise climática	06
- Os danos da crise climática nunca são equitativos	09
- O lugar do ser humano na criação...	11
- Inundações em Kasese: Uma emergência climática	13
- Emergência climática e ação local: uma resposta da HOAC de Múrcia	15
- Comprometidos pelo nosso batismo	17

Emergência climática, vamos agir já!

Em várias tradições religiosas e espirituais, o ser humano é considerado uma criatura de Deus, mas também um colaborador na obra da criação. Dotado de consciência, palavra, liberdade e criatividade, o ser humano é chamado não só a viver com a criação, mas também a mantê-la, fazê-la crescer e cuidar dela. «*Enchei a terra e submetei-a*» (Génesis 1, 28) lembra-nos a nossa missão de assumir melhor a nossa responsabilidade e não a dominação destrutiva. O ser humano torna-se assim criador e cocriador.

O ser humano ocupa um lugar central no ecossistema. Não é superior nem alheio à natureza, mas faz parte integrante dela. No entanto, desenvolveu uma capacidade única para transformar o seu ambiente. Perante a crise ecológica, questiona-se o lugar que ocupa o ser humano: a humanidade é destruidora ou guardiã da criação?

Esta edição da INFOR alerta-nos para situações de vida muitas vezes dramáticas, consequências de uma má gestão dos recursos da nossa Mãe Terra. Quando as suas escolhas são guiadas por uma dominação destrutiva, pelo poder e pelo capital, o ser humano é sem dúvida responsável por esta crise que afeta em primeiro lugar os mais vulneráveis, os idosos, os trabalhadores informais, etc.

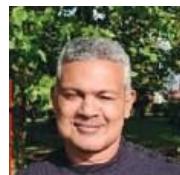
No entanto, o ser humano é capaz de inventar, inovar, construir civilizações, culturas e obras de arte. Essa criatividade é um reflexo do próprio criador. Mas deve ser guiada pelo bem comum, pela sabedoria e pela compaixão.

Como Movimento dos Trabalhadores Cristãos, afirmamos que o verdadeiro papel do ser humano é o de guardião, servidor e construtor da justiça. A nossa fé torna-nos responsáveis e compromete-nos a respeitar a vida em todas as suas formas, a partilhar equitativamente os recursos e a promover a coexistência entre a população e a mãe natureza.■

Fabrice Laldy-Maquiha

Conselheiro do MMTC Ilhas do Oceano Índico

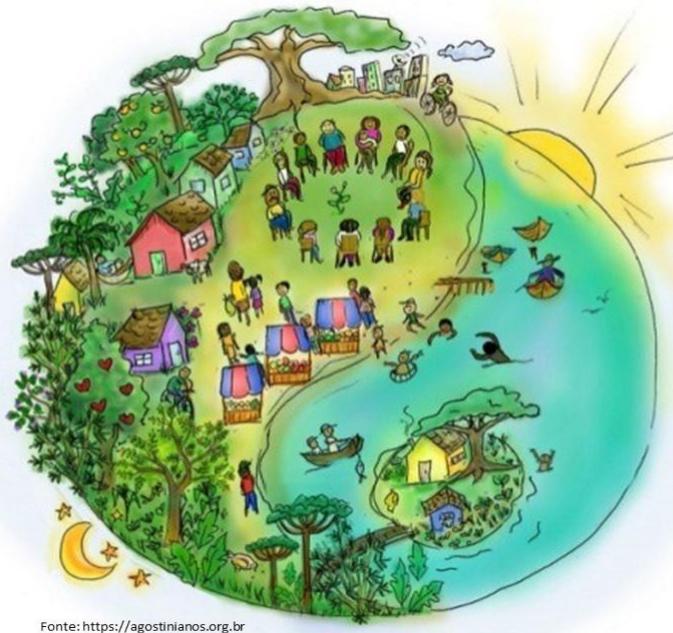
Inspirado numa reflexão de LOAC Rodrigues



Emergência climática e proteção ambiental

A LOC-MTC está atenta à temática ecológica, quer à sua importância na salvaguarda da «casa comum», quer nos perigos que a colocam em risco e atentam à vida dos trabalhadores.

Ao ser humano, criado à «*imagem e semelhança*» do Criador foi-lhe oferecida a possibilidade de «*construir o mundo*» (Gn 1, 28-30). Nada foi fruto do acaso, mas pensado segundo o Verbo (Ef, 1-10), dado que a Criação, está «*orientada*» e «*em processo*». E o ser humano coopera nesta obra da Criação (GS 34, 36). Neste sentido, à luz do método da Revisão de Vida analisamos três situações.



Fonte: <https://agostinianos.org.br>

*Cuidar da Casa Comum
interpelações e desafios à
nossa ação*

Encontro de Formação

*Diocese do Porto
Valadares, 26 de março de 2023*



A primeira realidade são os incêndios e, consequentemente, a destruição da «casa comum». A cada verão, Portugal enfrenta incêndios devastadores (ex: Pedrógão Grande, 2017), que destroem não só as florestas e a biodiversidade, mas também casas, explorações agrícolas e mesmo até resultando em vítimas mortais. Portugal apresenta uma florestação composta por grande extensão de eucalipto e pinheiro, altamente inflamáveis. Além disso, é tomado como evidência que muitos destes incêndios têm uma causa humana e criminosa.

Podemos encontrar na Laudato Si: «Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os

nosso filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana. Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer» (33). Também alertava o Papa para os interesses económicos e a perda da biodiversidade que advém dos incêndios (38 e 39).

Em segundo lugar, existe uma necessidade de repovoar a floresta e criar espaços verdes. Em Portugal, verificamos a necessidade de diversificar a flora com o intuito de encontrar espécies autóctones mais resistentes ao fogo e adaptadas ao clima. Nas grandes cidades vemos a preocupação de embelezar o parque urbano de betão e cimento com a criação de espaços verdes para melhorar a qualidade do ar e garantir espaços salutares frente ao calor. Destaca-se também os programas de reflorestação comunitária juntos das escolas e das juntas de freguesia. A Laudato Si alerta ao crescimento urbano e a necessidade de que as cidades sejam espaços saudáveis e harmoniosos: «*Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contacto físico com a natureza*» (44).

Destacamos a solidariedade com os pobres e vulneráveis pois toda esta realidade mencionada afeta de forma especial aos mais idosos e doentes, expostos a ondas de calor e má qualidade do ar e às pessoas que vivem nas zonas do interior de Portugal que perdem terrenos e os rendimentos. Tudo isto afeta a vida dos trabalhadores que dependem diretamente dos recursos naturais e sentem-se afetados no digno sustento às suas famílias. E verificamos das políticas governamentais a falta de apoio na proteção das pessoas frágeis, nas populações do interior e na habitação digna. Neste sentido, sentimos o apelo da Laudato Si: «*hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*» (49).

Em suma, o bom método da militância termina com o «*Agir*». Após a constatação da realidade, mesmo em contexto português, e o seu julgamento à luz do magistério do Papa Francisco na encíclica Laudato Si, resta-nos ser estimulados a uma espiritualidade prática com gestos locais e intervenção profética na sociedade.■

LOC/MTC Portugal

Liga Operária Católica / Movimento de Trabalhadores Cristãos



A Índia perante a crise climática

Aadi pattam the dividai, um antigo provérbio tâmil, recomenda semear durante o mês tâmil de Aadi (calendário solar) para colher durante o mês de Aipasi (meio de outubro a meio de novembro). Mas os padrões climáticos atuais estão a perturbar essas tradições ancestrais, causando perdas consideráveis no setor agrícola.

O mesmo acontece na construção civil, quando os trabalhadores se sentem inseguros no seu trabalho porque, na maioria das vezes, as previsões meteorológicas falham. Em Bangalore, experimentamos todas as estações do ano em cada dia: primavera, verão, outono, inverno. Quando perguntamos o porquê desta situação, alguns referem-se que se deve ao «ciclo do sistema solar», «El Niño», «La Niña».

Emergência Climática

A situação climática na Índia está a bater recordes em ondas de calor, grandes inundações e chuvas torrenciais. Estes fenómenos afetam de forma desproporcional os rendimentos dos trabalhadores informais, principalmente os jornaleiros, os trabalhadores da construção civil, os estivadores, os trabalhadores agrícolas e as populações vulneráveis, incluindo as mulheres, enquanto nos centros urbanos, as pessoas que vivem em tendas improvisadas e cabanas lutam contra uma infraestrutura propensa a inundações.

As chuvas torrenciais tornaram-se um fenómeno normal, como a recente e inesquecível chuva que provocou um deslizamento de terra no bairro de Wayanad, em Kerala, causando a morte de 254 pessoas, 397 feridos e 118 desaparecidos. Este desastre foi um dos mais mortíferos da história de Kerala.

A ferida continua aberta até hoje entre os residentes. Quando se conversa com alguns deles, eles relatam a terrível experiência que viveram. O deslizamento de terra causou prejuízos ao Estado no valor de 12 mil milhões de rúpias, devido à destruição de edifícios e

infraestruturas, perdas de terrenos agrícolas e no turismo local. Quinze pessoas morreram, dezasseis desapareceram e novecentas foram resgatadas nas chuvas torrenciais que ocorreram a 16 de setembro em Uttarakhand, que causaram deslizamentos de terra e destruíram pontes e estradas em Dehradu.

Os efeitos das alterações climáticas, como altas temperaturas, fenómenos meteorológicos extremos e subida do nível do mar, danificam as infraestruturas, afetam a produtividade e prejudicam os setores económicos mais importantes, como a agricultura e o turismo. As áreas urbanas também são afetadas. Chuvas fortes atingiram a cidade de Chennai em 15 de outubro de 2024, deixando a maioria das estradas da capital completamente inundadas. Funcionários da Greater Chennai Corporation tiveram de usar um barco para resgatar pessoas e levá-las para uma área segura.

Em 2024, Bangalore enfrentou grandes inundações que deixaram mais de 2.000 residências submersas em toda a cidade. As autoridades informaram que foram registados 157 mm de chuva em seis horas na zona de Yelahanka, ficando inundadas mais de 1.030 habitações. Ao mesmo tempo, Bangalore enfrentava um ano de contrastes surpreendentes, oscilando entre graves crises hídricas e inundações recorrentes.

Embora as soluções tecnológicas baseadas na natureza nos deem esperança, há uma necessidade urgente de melhorar as políticas ambientais, aumentar a consciência pública e adotar narrativas climáticas mais inclusivas que visem abordar com maior eficácia esta crise multifacetada.



O Compromisso do MTC da Índia

O Movimento dos Trabalhadores Cristãos da Índia preocupa-se muito e dá grande importância à proteção ambiental, pelo que promove a sensibilização e a formação em relação à emergência climática e à proteção do ambiente em todas as suas reuniões, seminários, programas de formação, etc. Incentiva todos os seus membros e outras pessoas a tomarem consciência de como a humanidade é afetada pelo consumo excessivo de combustíveis fósseis, pelas transformações industriais, pelas centrais térmicas, etc., o que provoca distúrbios globais, novas infecções e doenças, escassez de alimentos, inundações nas cidades costeiras e uma grande crise de refugiados.

O Movimento de Trabalhadores Cristãos da Índia incentiva e encoraja os seus membros a usar menos combustíveis fósseis e mais transportes públicos, a plantar árvores jovens, a lançar bolas de sementes enquanto viajam, a evitar sacos de plástico e usar sacos de algodão orgânico (o MTC da Índia dá maior importância à formação profissional na produção de sacos de algodão orgânico e na divulgação do seu uso em todas as suas reuniões). Muitas gotas de água formam um grande oceano, as iniciativas do MTCI podem parecer muito pequenas como uma gota de água, mas a proteção do meio ambiente ganhará impulso a longo prazo.

■

*V. M. Francis
Secretário-geral MTC Índia*

Os danos da crise climática nunca são equitativos

Todos os anos, desastres climáticos sem precedentes atingem o mundo. A causa fundamental deste problema reside na ganância e na busca egoísta do lucro, que explora sem limites o meio ambiente e trata a Terra com uma atitude consumista.

O principal fator do aquecimento global é o aumento das emissões de carbono derivadas das atividades industriais, sem esquecer que os nossos hábitos diários – consumo excessivo de eletricidade, desperdício de alimentos, uso de produtos descartáveis – têm um impacto negativo no planeta.

As ondas de calor, incêndios, secas e chuvas torrenciais repentinas, afetam gravemente o crescimento das culturas, provocando uma diminuição de 35% na produção de batatas e um aumento de 1,5 vezes no preço dos morangos. A produção de arroz atingiu o seu nível mais baixo em dez anos.

Os preços dos alimentos básicos, como o kimbap (*O kimbap ou gimbap é um prato e um lanche muito popular na Coreia, feito com algas, arroz, proteínas (carne, atum, omelete, surimi) e vegetais... www.lacuisineasiatique.fr/recettes/kimbap.*), os ovos, os temperos, estão a aumentar, agravando os encargos das famílias. As pessoas que vivem sozinhas têm mais dificuldade em comprar os alimentos. Os pequenos estabelecimentos de restauração não podem aumentar facilmente os seus preços, apesar do aumento dos custos. As famílias com baixos rendimentos, que dedicam uma grande parte do seu orçamento à alimentação, são especialmente afetadas, o que pode provocar desequilíbrios nutricionais.

O verão torna-se uma época de sobrevivência para:

- As famílias de baixos rendimentos não têm condições financeiras para adquirir ar condicionado nem aquecimento.
- Os idosos, os bebés e os doentes crónicos são mais sensíveis a temperaturas extremas.
- As pessoas que vivem sozinhas ou com deficiências têm dificuldade em receber ajuda em caso de emergência.

A crise climática não é só um problema ambiental, está ligada à desigualdade social.

Existem políticas públicas

- Refúgios com ar condicionado: todos os verões, o Governo e as autoridades locais designam centros comunitários, bibliotecas e centros sociais como refúgios com ar condicionado. Em 2024, foram habilitados mais de 50.000 refúgios em todo o país.

Iniciativas locais:

- Instalação de dispensadores automáticos de garrafas de água fria;
- Gestão de «refrigeradores de água» ao longo de rios e trilhos;
- Alargamento do horário de funcionamento dos centros para idosos;
- Colaboração com hotéis para oferecer abrigos noturnos aos idosos.
- Distribuição de kits de prevenção: Em 2025, foram distribuídos mais de 81.000 kits a trabalhadores rurais e populações vulneráveis.
- Refúgios climatizados: as estações de metro e centros sociais permanecem abertos como abrigos, com atenção especial às pessoas que vivem na rua.



Em 2025, um sistema de ajuda permitiu a mais de 1,2 milhões de famílias de baixos rendimentos pagar a eletricidade, o gás ou o carvão desempenhando um papel fundamental durante os períodos de frio ou calor extremos.

Mobilização cidadã e ações coletivas

Durante a marcha cidadã em Gwanghwamun, foi lembrada a morte de um trabalhador migrante numa obra em Gumi, vítima do calor extremo, sublinhando que as condições precárias de trabalho e habitação são uma realidade difícil para os jovens e um reflexo da crise climática.

É necessária uma tomada de consciência coletiva e esforços comuns para construir um futuro sustentável.

Ação Católica pelo clima na Coreia

Desde 2020, o Movimento Católico Mundial pelo Clima desempenha um papel fundamental na adaptação da encíclica Laudato si' ao contexto coreano através de orações e campanhas educativas. «*Tudo está conectado*»: meio ambiente, economia e justiça social são inseparáveis.■

O lugar do ser humano na criação...

Quando as comunidades se organizam.

A nossa Mãe Terra está em perigo e são os mais vulneráveis que pagam o preço mais alto. Poderíamos até acrescentar que são os mais ricos os que conseguem sobreviver. Esta realidade voltou a manifestar-se durante o nosso seminário regional das ilhas do Oceano Índico, realizado na Ilha Maurícia.

Esta constatação não provém de estudos científicos, mas dos testemunhos daqueles que têm de enfrentar e viver (ou sobreviver) todos os dias o impacto das alterações climáticas na sua vida quotidiana.

Realidades locais alarmantes

As alterações climáticas traduzem-se em graves secas, que levam a população de Madagáscar a emigrar, mas também num aumento e intensificação dos ciclones, que devastam culturas e habitações. Estes fenómenos meteorológicos afetam todos os países da zona do Oceano Índico.

Na Ilha Rodrigues, os agricultores já não sabem como planear as suas colheitas. As chuvas podem destruir as sementes, obrigando-os a recomeçar, com perda de rendimentos. A água potável, é cada vez mais escassa, tornou-se um recurso caro. A água dessalinizada está a tornar-se a alternativa para a agricultura, com consequências para a saúde: aumenta a hipertensão e multiplicam-se os casos de diálise.



Os mais vulneráveis, os primeiros a sofrer

Estas realidades mostram até que ponto as populações vulneráveis são as primeiras a ser atingidas. Quando os preços dos legumes sobem, são as famílias humildes que renunciam a uma alimentação equilibrada.

Quando a água se torna um negócio, são as famílias mais pobres que sofrem com a sede. Quando os ciclones atravessam as aldeias, são as casas mais frágeis que ficam destruídas.

A esperança nasce da ação coletiva

Mas, neste contexto, os trabalhadores, as famílias rurais e as populações vulneráveis reagem, organizam-se e agem em conjunto para enfrentar estes desafios ambientais.

Na ilha Maurício, estão a surgir pequenas hortas coletivas. Os habitantes aprendem técnicas agrícolas respeitadoras da natureza e partilham sementes e conhecimentos. Os jovens encontram ali um espaço de compromisso concreto e solidário.

Na ilha Rodrigues, a mobilização assume a forma de campanhas de limpeza, plantação de árvores e sensibilização nas escolas. São propostas alternativas simples: substituir o plástico por cestos de vacoas ou de juta e poupar água através de sistemas de irrigação adaptados.

Na ilha da Reunião, são promovidas práticas mais sóbrias: troca de objetos, hortas partilhadas, artigos reutilizáveis em vez de descartáveis em encontros. Cada gesto é um ato de fé num futuro sustentável.

Em Madagáscar, são realizados projetos em colaboração com outros Movimentos para proteger os mais vulneráveis e combater a pobreza através do trabalho digno e da solidariedade social.

Estas iniciativas, aparentemente modestas, lembram-nos que a proteção da Criação não é exclusiva dos ecologistas, mas é uma questão de sobrevivência para as famílias rurais, os trabalhadores precários, as crianças dos bairros desfavorecidos e os mais vulneráveis.

Como Movimento de Ação Católica, devemos continuar a sensibilizar para a urgência climática e a proteção da Criação. Como batizados, tornamo-nos cocriadores e responsáveis pela Criação. Nesta luta, a Palavra de Deus sustenta a nossa esperança:

«Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe» (Salmo 24, 1).

Este versículo lembra-nos que a Criação não é um recurso que pode ser explorado sem limites, mas um dom sagrado do qual a humanidade é guardiã.■

Fabrice Laldy-Maquiha

Conselheiro do MMTC



Inundações em Kasese: Uma emergência climática

O distrito de Kasese tornou-se sistematicamente uma zona propensa a desastres no Uganda, devido aos impactos devastadores das alterações climáticas. Está situado na cordilheira de Rwenzori e caracteriza-se pelos seus recursos naturais, como rios, lagos, pântanos, florestas e glaciares. A zona é particularmente vulnerável devido à sua localização em planícies inundáveis e à destruição de bacias hidrográficas.

Desde a década passada, a região tem vindo a sofrer um aumento alarmante na frequência e intensidade de desastres, principalmente inundações, correntes de lama e deslizamentos de terra. Estas calamidades têm levado à perda de vidas, à deslocação de comunidades e à destruição de propriedades e infraestruturas críticas. As grandes inundações e as mudanças relatadas tiveram um impacto catastrófico na população, especialmente na mais vulnerável.

Um relatório de 2024 das Nações Unidas no Uganda, indicava que as inundações e os deslizamentos de terra nos distritos de Kasese e Ntoroko deslocaram quase 5.400 pessoas, causaram 13 mortos, 8 feridos e um desaparecido. Em 2021, as inundações e deslizamentos de terra afetaram 2.860 pessoas e 1.380 famílias, com 745 pessoas deslocadas.

As inundações também provocaram a destruição de casas, escolas, hospitais e estradas, além de infraestruturas importantes. Isto afetou as comunidades, incluindo a população rural das margens dos rios e encostas das montanhas e as pessoas que vivem em barracas na maior cidade de Kasese, causando deslocamentos e perda de meios de subsistência, deixando centenas de famílias sem teto e sem resposta para as necessidades básicas.

Em Kasese, a maioria da população sobrevive graças à agricultura e às microempresas. Devido ao aumento da população e à escassez de terras, a maioria dos recursos naturais tem sido ameaçados pela população em

busca de culturas, recursos energéticos como lenha e carvão, materiais de construção (extração de pedra e areia), o abate indiscriminado de árvores e a recuperação de pântanos, bem como práticas agrícolas inadequadas que agravam o risco de desastres. Além disso, o mau planeamento urbano, que inclui a invasão de planícies fluviais e infraestruturas inadequadas, contribuem para a gravidade das inundações. Muitas famílias que realizam trabalhos ocasionais no setor agrícola e outras empresas foram afetadas.

Abordar a emergência climática no distrito de Kasese requer uma abordagem multifacetada que envolva esforços locais e globais para reduzir as mudanças climáticas e adotar medidas. Os trabalhadores cristãos da diocese de Kasese uniram-se ao governo para implementar o plano de plantar mais de 10 milhões de árvores no monte Rwenzori para proteger as bacias hidrográficas e



estabilizar as margens dos rios. Em colaboração com a Cáritas de Kasese, está a ser feito um esforço para sensibilizar as comunidades sobre as melhores práticas agronómicas, os perigos de permanecer nos vales fluviais e a proteção dos pântanos e da cobertura florestal. Os grupos de base das paróquias de Kyalhumba e Ibanda criaram viveiros para fornecer plantas às comunidades, principalmente bambu e árvores de fruto.

O Movimento dos Trabalhadores Católicos em Kasese desenvolveu um projeto no contexto das alterações climáticas na cordilheira de Rwenzori, mais concretamente na diocese/distrito de Kasese, dirigido à população vulnerável e marginalizada que vive ao longo das planícies fluviais e das margens dos lagos Edward e George. O projeto procura abordar as causas das alterações climáticas na região e capacitar a comunidade com abordagens e práticas que as atenuem e as equipem com diferentes práticas agronómicas sustentáveis, que contribuam para a resiliência da agricultura, a fim de aumentar a segurança alimentar e melhorar os meios de subsistência dos mais vulneráveis. Esta iniciativa é dirigida a trabalhadores ocasionais, agricultores e famílias de Kasese.

Juntos, podemos evitar a emergência climática, proteger o ambiente e proporcionar um mundo mais seguro para todos. ■

Emergência climática e ação local: uma resposta da HOAC de Múrcia

A emergência climática é um dos grandes desafios do nosso tempo. Não se trata apenas de um problema ambiental, mas de uma questão que afeta a justiça social, a saúde das populações e o futuro comum da humanidade.

Como recorda o Papa Francisco em Laudato si', «não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental». A partir da HOAC, em comunhão com o MMTC, queremos enfrentar este desafio, convencidos de que o cuidado da criação é parte inseparável da dignidade das pessoas e da fé encarnada na vida quotidiana.

No nosso bairro de San José Obrero, em Alcantarilla (Murcia), a resposta começou há mais de vinte anos com o projeto «*Mujeres Hileras*». Nasceu em 2002 como uma forma simples e solidária de dar nova vida às roupas usadas: recolher, limpar, consertar e vender. O que parecia uma pequena iniciativa de economia circular tornou-se uma experiência comunitária que dignificou as mulheres participantes e sustentou muitas famílias. Com o tempo, deu origem à “*La Ropería*”, que hoje é gerida pela Cáritas Diocesana e continua a ser um espaço vivo de encontro e trabalho. Esta experiência reflete o que já defendia Rerum novarum: o trabalho humano não é uma mercadoria, mas uma vocação que deve sustentar a vida pessoal e comunitária. O Evangelho torna-se carne em ações concretas que geram vida onde parecia impossível.

A mesma lógica leva-nos a defender o ambiente natural mais próximo. Em Múrcia, a crise do Mar Menor é um grito da terra e dos pobres. A sua degradação afeta a saúde pública e a justiça social de toda a região. Por isso, como HOAC, unimo-nos aos movimentos de cidadãos que reclamam proteção para este ecossistema único. Este compromisso está ligado à abordagem “*One Health*”, que reconhece a unidade inseparável entre a saúde das pessoas, dos animais e do planeta. Como insiste a Fratelli tutti,

tudo está interligado, e a degradação do ambiente acaba por afetar a convivência social e a dignidade humana.



O trabalho humano não é uma mercadoria, mas uma vocação que deve sustentar a vida pessoal e comunitária. O Evangelho torna-se carne em ações concretas que geram vida onde parecia impossível.

As «*Mulheres Hileras*» também nos ensinam que outra economia é possível: uma economia que cuida, que coloca no centro a dignidade do trabalho e o serviço à comunidade, em oposição a uma economia que descarta e destrói. É o que recordava São João Paulo II na *Laborem Exercens*: o trabalho é «*a chave essencial de toda a questão social*». Além disso, interpela-nos, a rever se as nossas estruturas estão verdadeiramente presentes nas periferias onde se joga a vida.

O Papa Francisco convida-nos a construir uma fraternidade aberta, onde ninguém seja descartado (*Fratelli tutti*). Por isso, experiências como a de «*Mulheres Hileras*» ou as lutas pelo Mar Menor encorajam-nos a continuar a tecer redes de esperança. Que iniciativas semelhantes existem nas vossas dioceses e comunidades? Partilhá-las ajudará a crescemos juntos como cocriadores de um mundo mais justo, onde o que parecia descartado se torna semente de vida nova.■

*Jesús Caravaca
Tesoureiro do MMTC
HOAC de Múrcia*



Comprometidos pelo nosso batismo

O tema do nosso seminário regional das ilhas do Oceano Índico é o seguinte: «O lugar do ser humano na criação». O Papa Francisco falou-nos da situação da nossa mãe, a terra, que se deteriora sendo a nossa casa comum. O que podemos fazer, em função do nosso batismo, perante esta realidade?

Todos os batizados somos colaboradores de Deus na construção da justiça e da paz; por isso, devemos contribuir para a sua obra. O ensinamento da Igreja lembra-nos que devemos comprometer-nos com tudo o que favoreça a justiça e a paz no mundo. Mesmo no batismo de Cristo, a resposta de Jesus a João Batista antes de ser batizado foi: «*Deixa por agora, convém que cumpramos assim toda a justiça*» (Mt 3, 13-15). Isto ajuda-nos a tomar consciência do nosso papel como cristãos batizados: não somos simples consumidores, mas atores na criação. O batismo torna-nos responsáveis perante todo o universo.

Como ensina São Paulo, formamos um único corpo com muitos membros, cada um com os seus dons ao serviço do mesmo corpo (1 Cor 12, 12-31).

Os sacerdotes, por sua vez, têm a missão de pastores: tornar Cristo presente entre os homens e as mulheres, o mesmo Cristo que «*não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos*» (Mc 10, 45; Concílio Vaticano II, OE).



Hoje em dia, poucos padres se comprometem a acompanhar os militantes; a maioria dedica-se mais aos grupos de oração e às comunidades carismáticas. Muitos até encontraram uma nova vocação no seu ministério, o exorcismo, o que às vezes reflete uma falta de confiança em si mesmos; por isso, é necessário que recebam apoio sacerdotal em cada etapa da sua vida. No entanto, aqueles que se comprometem com a militância geralmente ficam sem acompanhamento.

Também constatamos que o número de militantes está a diminuir: muitos preferem integrar-se em associações carismáticas em vez de Movimentos de Ação Católica. Como cristãos, é lógico e bom apegar-se à oração, mas também é necessário comprometer-se com as realidades temporais. De facto, como batizados, não basta alimentar-nos da Eucaristia: somos chamados a trabalhar pela justiça e pela paz, porque é nosso dever como cristãos. Assim o disse Jesus: «*Não basta dizer-me: Senhor, Senhor, para entrar no reino dos céus; é necessário cumprir a vontade do meu Pai que está nos céus*» (Mt 7, 21).

A vocação própria dos leigos consiste em buscar o Reino de Deus precisamente através da gestão das realidades temporais, ordenando-as segundo Deus. Eles vivem no meio do mundo, comprometidos com os seus deveres familiares, profissionais e sociais. É aí, que são chamados por Deus a santificar o mundo a partir de dentro, como fermento, exercendo a sua missão sob a orientação do Espírito Evangélico e manifestando Cristo aos outros, sobretudo com o testemunho de uma vida radiante de fé, esperança e caridade (Lumen gentium, 31).

Por isso, é urgente para nós, organizar cursos de formação para padres, religiosos e leigos que se dedicam a acompanhar os militantes. Os militantes, da mesma forma, também precisam de ser formados.■

Jean Louis Totozafy
Sacerdote e acompanhante
do movimento IRAY AINA de Madagáscar



**Weltbewegung Christlicher Arbeitnehmer
World Movement of Christian Workers
Mouvement Mondial des Travailleurs Chrétiens
Movimiento Mundial de Trabajadores Cristianos**

OUTUBRO 2025

Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos - MMTC
Bd. du Jubilé 124
B-1080 Bruxelas – Bélgica
Tel. +32 2 47 22 79
E-Mail info@mmtc-infor.com
www.mmtc-infor.com

Traduzido e adaptado por: LOC/MTC
Edição impressa da responsabilidade da LOC/MTC
E-Mail loc@sapo.pt – Tlf: 213 907 711 – 938 441 231
www.ecclesia.pt/loc-mtc/

A edição online do INFOR é gratuita.
Qualquer donativo para ajudar o nosso trabalho
de redação e edição é bem-vindo.
Obrigado!

Banco: Credit Mutuel Paris
IBAN: FR76 1027 8060 4200 0305 8544 184
BIC: CMCIFR2A